

REFLEXOS CORDELISTAS EM “MORTE E VIDA SEVERINA” E “O DRAMA DO NORDESTINO”¹

Erica Ferraz CORDONI²
Danglei Castro PEREIRA³

Resumo

O presente trabalho discute o cordel “O Drama do Nordeste” do poeta Zé da Luz, procurando comentar que a figura do nordestino é fator predominante na Literatura de Cordel. Buscamos ainda destacar na obra “Morte e vida Severina” de João Cabral de Melo Neto, traços da cultura popular, ou seja, identificar no texto cabralino elementos do cordel.

Palavras-chave: oralidade, literatura oral, modernismo, repente

Abstract

The present work discuss the cordel “O Drama do Nordeste” by Zé da Luz, trying to comment on that the northeastern man picture is a predominant factor in the Cheap Literate. We also try to emphasize in the “Morte e vida Severina” text by João Cabral de Melo Neto, lines of the popular culture, that means, to identify in the “cabralino” text cordel’s elements.

Keywords: orality; oral literature, modernism, cordel

INTRODUÇÃO

A literatura de Cordel pode ser compreendida como uma das manifestações mais relevantes da literatura popular no Brasil. Comumente relacionada aos estratos mais populares da cultura brasileira, esta manifestação literária aparece como fonte temática na literatura modernista. Prova disso, é a presença da temática popular nas obras de autores como Graciliano Ramos, João Guimarães Rosa, Raquel de Queiroz, Mário de Andrade, entre outros. Nosso intuito, neste trabalho, é discutir a imanência desses temas na obra “Morte e vida severina” de João Cabral de melo Neto.

Para tanto procedemos uma aproximação entre o texto “O drama do nordestino” de Zé da Luz e o poema “Morte e vida severina” de João Cabral de Melo Neto. Dessa forma, compreendemos a temática do cordel, como um elemento norteador na construção do poema cabralino. O objetivo deste trabalho é, portanto, discutir que algumas características da Literatura de Cordel assumem, nos últimos anos, um papel relevante no delineamento da cultura brasileira.

¹ Este trabalho é uma versão resumida de nosso Trabalho de Conclusão de Curso, realizado sob orientação do Professor Danglei de Castro Pereira e defendido em julho de 2005 na UEMS-Cassilândia.

² Graduada em Letras pela UEMS – Unidade de Cassilândia<cordoni@notmail.com.br>

³ Professor da UEMS - Unidade de Cassilândia, doutorando em Letras pela UNESP-SJRP. <danglei@uems.br>

Com essa postura compreendemos a cultura brasileira como um intrincado jogo entre valores eruditos e valores populares e, nesse sentido, que os temas populares expressam uma das faces mais complexas de nossa diversidade cultural. Buscamos demonstrar, portanto a importância da Cultura Popular dentro do contexto literário nacional. Além disso, estaremos tratando, também, o delineamento da figura do nordestino como um representante da temática do cordel e, por correlação como uma forma de expressar o comprometimento dos autores populares do cordel face à cultura regional.

1. A LITERATURA DE CORDEL

A literatura de cordel foi trazida pelos colonizadores portugueses e encontrou solo fértil junto aos colonos brasileiros, principalmente na região nordeste do país. Na Europa, Portugal e Espanha, o livreto de cordel floresceu no século XVI, entre 1580 e 1640. Essas composições, conhecidas na Espanha por *Piegos Suelos* e em Portugal por folhas volantes apresentavam grande diversidade temática. Os escritos compilam uma grande quantidade de baladas tradicionais e cantigas trovadorescas, muitas vezes, de autoria desconhecida. Advindas da poesia satírica religiosa dos humanistas, os *Piegos Suelos* ironizavam o poder da Igreja Católica Medieval, fato bastante relevante no que se refere ao delineamento temático dos cordéis nordestinos.

Pode-se dizer que a tradição da Literatura de Cordel no Brasil é basicamente oral. Estas obras, ligadas principalmente à temática nordestina, procuram descrever costumes e tradições do sertanejo nordestino. A forte influência religiosa proveniente principalmente da devoção religiosa desse povo procura, via de regra, associar aos temas sertanejos implicações religiosas que, de certa forma, apresentam saídas tangenciais para a situação degradada do povo nordestino. Nos últimos anos, entretanto, podemos notar uma gradativa veiculação dos textos ligados à literatura de Cordel por meio da imprensa tradicional. A recente compilação dos poemas de Zé da Luz, entre outros cordelistas, bem como o reconhecimento da poesia popular nordestina, que tem em Patativa do Assaré um dos maiores representantes, podem ser tomados como evidências do recente reconhecimento do valor das obras cordelistas no Brasil.

A origem popular em muito derivada do contato do cordelista com a realidade nordestina possibilita, assim, verificar traços culturais do sertão na base temática dessas composições. No cordel brasileiro, as histórias fantasiosas apresentam uma popularização dos temas eruditos advindos da influência européia. É comum, portanto, encontrarmos princesas

transfiguradas em sertanejas que comem macaxeira, ou mesmo, o paradigma do herói medieval aproximado ao cangaceiro nordestino. A valorização da coragem e honra do sertanejo aparecem, nesse sentido, correlacionadas à eleição do sertanejo como herói, fato que explica, por exemplo, a tendência temática em aludir aos traços constitutivos da feição nordestina. A eleição de personagens como Lampião e Maria Bonita ou mesmo a narração da honra do homem bruto do sertão às voltas com personagens femininas tementes a Deus, marcadas pela lisura da honra familiar, podem ser tomadas como exemplos concretos desse procedimento temático.

Dessa forma, podemos concluir que, no caso da Literatura de Cordel, os autores procuram sublimar a situação degradada vivida pelo sertanejo em contato com o semi-árido do sertão nordestino. Impregnado por uma atitude utópica, o cordel elege a figura do sertanejo como representação de um estado individual, valorizando os elementos culturais do povo nordestino. Religiosidade, honra e culto à família são, portanto, temas recorrentes dentro do universo temático das obras cordelistas. A figura do nordestino é retratada popularmente, ou seja, como um homem rude em contato com a terra, mas impregnado de honra e valentia. A aridez geográfica e humana do sertão, as festas religiosas, a fé incondicional e a luta pela sobrevivência podem ser citados como outros recursos presentes na diversidade das obras dos cordéis.

Um elemento que possibilita a popularização das obras da Literatura de Cordel está relacionado à forma de divulgação das obras. Estas, tradicionalmente, são expostas e compostas em ambiente aberto - feiras, encontros religiosos, ou praças públicas. Os artistas, em geral pessoas do povo, compõem as obras usando o recurso da rapsódia popular; qual seja, constroem os textos fazendo colagens de memória e retomando elementos ligados aos relatos folclóricos da região.

Este princípio repetitivo acarreta uma unidade temática inerente às obras. Figuras lendárias ou folclóricas do Nordeste como João Grilo, Encourado, Lampião, entre outras, são retomadas como forma de enaltecer à esperteza do sertanejo. Entretanto, na sua grande maioria, o personagem do cordel nordestino tem como representação primária a figura do sertanejo. Sua honra e lisura são louvadas de forma ostensiva, contribuindo para o caráter regional dessas composições. Pendurados em cordões para serem vendidos nas feiras, os livretos de cordel são construídos em estruturas curtas, girando entre 8 e 50 páginas, geralmente em estrofes variadas. Os mais curtos são geralmente destinados a contar algo ocorrido na região, os mais longos são os romances que narram histórias de ficção. Estas

obras são expostas na rua, ao alcance de qualquer transeunte o que explica o nome dessa manifestação literária.

Esta proximidade com o público aliada a diversidade temática é outro fator que acarreta a popularidade destas manifestações literárias. As capas, em sua grande maioria, tingidas nas cores verde, amarelo, rosa e azul trazem uma xilogravura. A xilogravura é um processo de alto relevo que utiliza a madeira como matriz e possibilita a reprodução da imagem da gravura sobre o papel, uma espécie de carimbo. É uma técnica bastante simples e barata, por isso, se presta tão bem aos folhetos de cordel. Além disso, a composição rítmica em sextilhas de redondilhas (estrofes de seis versos, com sete e cinco sílabas poéticas) contribui para a presença do traço popular a essas manifestações artísticas.

Levando em conta essas colocações comentaremos o poema “O Drama do Nordestino”, cordel que é um dos objetos de trabalho, com o intuito de destacar algumas características do Cordel nordestino na obra de Zé da Luz.

2. A POESIA DE ZÉ DA LUZ

Poeta paraibano de Itabaina, Zé da Luz em suas poesias exprime um toque social e uma predileção pela humildade e simplicidade do sertanejo nordestino. Ana Maria de Oliveira Galvão (2001) comenta que o cordel apresenta uma temática comprometida com o falar regional e a tradição nordestina. Segundo a autora (2001)

o uso e a importância conferida aos adjetivos na elaboração do poema; a presença do elemento místico- religioso; a questão da proximidade ou não com o interlocutor/leitor; a utilização de um dialeto oral regional nas histórias etc.).(GALVÃO, 2001, p.63)

Tal postura bairrista confere aos textos uma preocupação social no que se refere ao delineamento do Cordel nordestino. Posicionamento semelhante encontramos nas palavras de José Lins do Rêgo (1999) para quem Zé da Luz é um importante poeta, menos por representar uma grandeza estética ou uma erudição exagerada; mas por atingir a expressão da “alma nordestina”.

Toda a Paraíba está na sua poesia, meu caro poeta. E se você tem esta força para poder cantar a nossa terra, como canta, para que prefácios? Que prefácios pediriam as patativas de Mamanguape, os curios de Gramam, as cigarras de Areia?(RÊGO, 1999, p,7-8)

Nesse poeta, podemos perceber por meio das marcas oralidade, do uso excessivo de vocábulos ligados à cultura nordestina e, principalmente, na utilização do elemento religioso

as marcas primordiais do gênero. A temática gira em torno do dilema nordestino, qual seja a luta do sertanejo contra a seca que muitas vezes os levam a morte.

O Drama do Nordestino

<p>Sertanêjo nordestino! Nordestino meu irmão! Deus marcou seu destino Numa palavra – SERTÃO</p> <p>Tu tivesse o teu batismo Na hora do nascimento Na Pia do HERUÍSMO Cum o nome de SUFRIMENTO!</p> <p>Eu conheço a tua história Nordestino meu irmão! Trago vivo na mimóira O drama do teu sertão!</p> <p>Eu vi a Vida e a Morte Lutando num grande jôgo: _ Eu vi a sêca no Norte, O sertão pegando fogo! _ Eu vi a terra queimada, Vi o chão torrado e preto, Vi as arve disfoiáda Paricida uns isquelêto!</p> <p>_ O pingo do meio-día! O Só tinindo de quente! A terra qui não isfría Na sola dos pés da gente!</p> <p>Num desafio au brazêro, Cum uns resto de isperança, Eu vi os véio imbuzêro Aonde o gado discança!</p> <p>Aonde o boi véio múge Sem te pasto prá cume, Se alebrando da babúge Quando cumeça chuvê.</p> <p>_ Vi láguima de dô pingando Dos óio triste de um bôï, Cum fome e sêde alebrando O verde qui já se fôï...</p> <p>_ Vi na bêra das istráda, As leva de arritirante, Se arrastando instrupiáda Pra outras terra distante!</p> <p>Quáge môrto de fadiga, Arquejando de cansáço, Cum o couro da barriga</p>	<p>E nessa constante lida, Na luta de vída e morte, O sertão é a própria vída Do sertanêjo do Norte!</p> <p>É êsse o triste cenáro Do DRAMA DO NORDESTINO, Pintado pelo operáro Da mão nêga – O Destino!</p> <p>***</p> <p>Sem tê susto e sem receio, Nordestino meu irmão, Eu vou te dá um conceio De todo meu coração:</p> <p>_ Não sáia do teu sertão. Não venha nunca prá cá, Atraz da grande inluzão Da Capitá Federá!</p> <p>Eu vivo aqui e tou vendo Uma coisa qui eu repróvo: _ O nordestino sofrendo No Campo de São Cristóvo!</p> <p>Dispôis de longa viáge, Pagando passáge cara, Tá cumo uns bicho serváge Decendo dos “Pau-de-arara”!</p> <p>Na Capitá Federá, Tenho visto brasilêro Dizê qui o sertão só dá, Assarcino e cangacêro!</p> <p>Cangacêro e assarcino!... _ O qui faltou no sertão, Foi livro prá Antonio Sirvino, Justiça pra Lampião!</p> <p>Sertanêjo de alma franca, Vorta lá prê teu sertão, Cumo vorta a Aza-branca Uvindo a voz do truvão!</p> <p>Tua presença conforta Tua muié, teus fiínho. “Ninguém se perde na vorta Mêrmo vortando sòzinho”!</p>
--	--

<p>Apregado no ispinháço.</p> <p>_ Eu vi as mãe sertanêja Cum os peito mágo, muchinho, Sem uma gôta qui sêja De leite prá seu fiínho!</p> <p>_ Vi as cruz dismanteláda, Ignorada e sem nome, Ponto finá na jornáda Da ronda nêga da fome!</p> <p>Eu vi no céu avuando, As aza nêga e tirana Dos arubú farejando, O chêro de carne humana!</p> <p>_ Iscutei nas tarde longa Cumò à chora seu distino, O Grito das Araponga Imitando a voz do sino!</p> <p>_ Tombém vi de vêz im quando, Na viração das manhã, Passando de bando im bando. Os bando de arrebaçâ!</p> <p>_ Eu vi tôda a Naturêza, Tão triste, qui as vêz inté, Me alembráva da tristêza De “uma casa sem muié”!</p> <p>O Só redondo e vermêio, Bejando a crista da serra, Parícia um grande ispêio Rifritindo a dô da terra!</p> <p>Prô lado qui o Só murria, O Céu todo avermeiádo, Cá de báxo, parícia Um táxo véio ariádo!</p> <p>E quando as noite caía, Cubrindo de luto os campo, Nem prú sina não se via Um sinázinho de relampo!</p> <p>A luz branca e singéla, Tinha a tristêza de um ai! Da môça qui foi donzêla E véve inganando os pai!</p> <p>Im luta cum a Naturêza O nordestino não cancã: _ De día tudo é tristêza, De noite tudo isperança!</p>	<p>É mió se passá fome, Lá na terra onde nacêmo, Qui sê iscravo dos hôme Nas terra qui não cunhecêmo.</p> <p>Vorta logo meu irmão. O inverno cumeçou. Ta chuvendo no sertão, Aza- branca já vortou!</p> <p>Eu daqui, faço um apêlo Aos hôme de posição: _ Mais conforto, mais disvêlo Prôs cabôco do sertão!</p> <p>Dêxe o macio dos assento Da Câmara dos Diputado, E vá vê o sofrimento Do cabôco frageládo!</p> <p>Esse mêrmo frageládo Qui ispera proteção, Foi quem fez os Diputado E os Senadô da Nação!</p> <p>Vá contemprá a imáge, Do cabôco qui não come E tem a santa coráge De morre de séde e de fome!</p> <p>Vá no oitão das tepéra Aonde a dô e luto mora, Abra o currá da mizéra E bote a fome prá fóra!</p> <p>Mas não faça pur ismóla. Faça pêlo coração. Quem faz o bem se consóla Cum o premio da gratidão!</p> <p>Repare qui o eguísimo Não dece prá sipultura, E abre um terrive abísimo, Na alma das criatura!</p> <p>O eguísimo se méde, Na diferença qui há, Do triste oiá de quem péde, Para os óio de quem dá!</p> <p>Mande rasga mais istráda, Mande fazê mais açude E dê a sertanêjáda, Barriga cheia e saúde!</p> <p>Pôis apezá do distino E da sorte qui êle tem, O cabôco nordestino, É BRASILEIRO TOMBÉM!!!</p>
---	--

Nesta obra, percebe-se a busca pela valorização da figura do nordestino, caracterizado como um “sofredor”. A melancolia e a constatação da degradação imposta ao sertanejo pelo meio é suplantada pela constatação da força do personagem. A metáfora inicial identifica o sertanejo ao meio em que vive, o “sertão”, aproximando a figura à trajetória de sofrimentos impostos ao eu-lírico pela visão miserável.

O autor usa traços do vocabulário regional aliados à oralidade para aproximar o texto à realidade do sertanejo. A repetição das letras também ajuda a percepção do ritmo. A repetição dos sons /n/ e /ao/ nos versos “*Sertanêjo nordestino!// Nordestino meu irmão!// Deus marcou seu destino/ numa palavra _ SERTÃO!*” proporcionam um ritmo que em muito pode ser correlacionado ao traço oral da fala do nordestino. A métrica simétrica, redondilhas maiores; bem como o ritmo cadenciado – trocaico – é outro fator que corrobora para a oralidade no poema. O poema, portanto identifica o nordestino como um ser nobre, diferente da idéia que as pessoas dos grandes centros têm deles. Segundo Câmara Cascudo (apud BOSI, 1999)

Dentre as muitas definições existentes para o nosso matuto há uma que inegavelmente obteve consagração: trata-se do sujeito abobalhado, desconfiado, violento, preguiçoso, de modos grosseiros, “que não sabe vestir-se ou apresentar-se em público.(CASCUDO, apud BOSI, 1969, p. 103)

Nos livretos o nordestino é tido como um ser nobre, porque sofre por passar fome e sede, por viver uma vida difícil repleta de privações. Entretanto apesar de todo o sofrimento e fraqueza nunca deixa de ser honrado em todas as situações e, acima de tudo, nunca deixa de se apegar à religião sendo, portanto, caracterizado como um forte. Esta descrição percorre o poema de Zé da Luz. A esse respeito vejamos o trecho que segue:

Im luta cum a Natureza
O nordestino não cançã:
_ De día tudo é tristêza,
De noite tudo isperança!

A alternância entre a tristeza do dia “o dia é tristeza” e a alegria da noite “de noite é tudo insperança” remete, como é comum no texto de cordel, ao ciclo de vida do homem rude do campo. A euforia, nesse sentido, acarreta a compreensão da tragédia do sertão; mas o furor do sertanejo proporciona a reorganização da melancolia, levando à visão positiva atribuída ao personagem. O Social também é abordado no texto. Há o apelo para que os governantes do país façam algo para acabar com a seca.

Eu daqui, faço um apêlo
Aos hôme de pusição:
_ Mais conforto, mais disvêlo

Prôs cabôco do sertão!⁴

Conclui-se que o drama é a rendição do nordestino em sua condição individual diante do meio; pois vive em uma terra que o agride constantemente. O apelo contido no poema remete ao engajamento do eu-lírico que propõe uma forma de reverter a situação degradada do sujeito. O uso da oralidade “disvêlo”, “Prôs”, “im”, “cum”, “inspirança” entre outros signos ligados ao dialeto sertanejo, reafirmam a opção pela proximidade do eu-lírico com a figura do sertanejo o que reafirma a opção ideal associada ao nordestino. Essa tendência ao apelo sentimental, outra marca do texto de cordel no texto em análise, demonstra uma preocupação com a mobilização social em torno da vida do sertanejo. O “Disvêlo” e o “conforto” evocados no fragmento citado confirmam a preocupação com o estado de abandono pelo qual passa o morador do semi-árido nordestino.

3. “MORTE E VIDA SEVERINA”: O DILEMA DO NORDESTINO

Pensando na temática do texto de Zé da Luz, qual seja expor a trajetória degradada do povo nordestino, mas de forma a valorizar sua cultura ao descrever a condição heróica do povo nordestino; acreditamos ser pertinente uma aproximação da temática nordestina aos textos modernistas brasileiros; principalmente no que se refere ao regionalismo. Devido a brevidade do trabalho, optamos por discutir a influência do cordel na obra “Morte e vida severina” de João Cabral de Melo Neto. Nossa intenção, entretanto, é tão somente discutir a afinidade temática contida entre a obra cabralina e a literatura de cordel.

Em “Morte e vida severina” a trajetória do retirante nordestino é enfocada como uma maneira de representar o sofrimento desse povo. Marcado por uma essência religiosa o poema enquadra-se na tradição das ladainhas nordestinas uma vez que é caracterizado como um “Auto de natal”. Aliado ao furor religioso o percurso narrativo descrito no poema, assim como no poema de Zé da Luz, enfoca a bravura do sertanejo em luta constante com o meio. O percurso de vida e morte do retirante apresenta a situação degradada vivida pelo nordestino.

“Somos muitos Severinos
iguais em tudo e na sina:
a de abrandar estas pedras
suando-se muito em cima,
a de tentar despertar

⁴ No que se refere ao poema em análise tomaremos como fonte: LUZ, Z. *Brasi cabôco e sertão em carne e osso*. Recife/PE: Litoral, 1999.

terra sempre mais extinta,
a de querer arrancar
algum roçado da cinza.”

A visão de uma homogeneidade entre os sertanejos “somos muitos severinos/ iguais em tudo e na sina” provoca a constatação da luta de um povo diante daquilo que determina sua essência: a resistência ao meio e a crença religiosa. Esta constatação evidencia a proximidade temática entre o texto cabralino e a poesia popular nordestina. Outras evidências podem ser colhidas, quais sejam a renitência em classificar o heroísmo do personagem diante de suas desventuras, a incorporação da oralidade no texto, bem como a adequação a uma temática ligada à raiz sertaneja, expressa no poema na adequação a linguagem e ao cenário do Nordeste.

“Mas não senti diferença
entre o Agreste e a Caatinga
e entre a Caatinga e aqui a Mata
a diferença é a mais mínima.
Está apenas em que a terra
é por aqui mais macia;
está apenas no pavio,
ou melhor, na lamparina:
pois é igual o querosene
que em toda parte ilumina,
e quer nesta terra gorda
quer na serra, de caliça,
a vida arde sempre com
a mesma chama mortiça.”

Nesse trecho podemos constatar como Severino, a procura de uma terra para melhor viver, acaba descobrindo que sua sina de nordestino, condicionada ao sofrimento de seu povo, se realiza de forma mais efetiva no ambiente hostil do sertão nordestino. A “chama mortiça” prenúncio da morte do personagem, nesse sentido, evidencia a fragilidade da esperança do povo. A morte percorre o poema, antes como algo presente a vivência do nordestino; do que como uma fatalidade. Seu desencanto, nesse sentido, leva a constatação da “morte” cultural do semi-árido, ficando, assim como no poema de Zé da Luz, somente a esperança no futuro. Entretanto a resignação é interrompida pela fatalidade. O personagem, como representação do nordestino, é um forte, mas a vitória diante do espaço não é suficiente para salvar sua raça.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensando nas colocações feitas até esse momento do trabalho, podemos considerar que a literatura erudita, mais especificamente, o texto “Morte e vida severina” de João Cabral de Melo Neto, se utilizam do elemento popular como fonte temática. A Literatura de Cordel, nesse sentido, pode ser considerada como uma evidência de que permanecem nos textos eruditos traços da literatura popular. Tal postura em consonância com a busca modernista pela incorporação do popular como material constituinte da cultura brasileira evidencia a gradativa ampliação dos horizontes temáticos inerentes às manifestações literárias nacionais.

Poemas como “Morte e vida severina” são exemplos contundentes para a constatação da importância da oralidade como recurso estilístico e temático nos textos modernistas. Essa opção pelo popular, como já salientado, implica à necessária reavaliação entre erudição e temas populares no delineamento da tradição literária nacional. Compreendemos, portanto, que a aproximação das manifestações da cultura popular, nesse caso específico, as produções do cordel nordestino, são importantes fontes de pesquisa para a verificação das implicações populares no seio das manifestações poéticas no Brasil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAÚJO, Paulo. *Revista Nova Escola*, p.52 a 54, ano XIX, nº 176, outubro de 2004.
- BOSI, Alfredo. *Cultura brasileira*. Série Fundamentos. 4ª edição, São Paulo/SP: Ática, 1999.
- CASCUDO, C. J. *Dicionário do folclore brasileiro (2v.)*. Rio de Janeiro/RJ: Edições de Ouro, 1969.
- COUTINHO, Afrânio. *A literatura no Brasil*. 6ª edição. São Paulo/SP: Global, 2001.
- GALVÃO, Ana Maria Oliveira. *Cordel leitores e ouvintes*. Belo Horizonte/MG: Autêntica, 2001.
- GOLDSTEIN, Norma. *Versos, sons, ritmos. Séries Princípios*. 9ª edição, São Paulo/SP: Ática, 1995.
- LUZ, Z. *Brasi cabôco e sertão em carne e osso*. Recife/PE: Litoral, 1999.
- MELO NETO, João Cabral. *Morte e vida severina e outros poemas para vozes*. 4ª edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.
- REGO, J.L Introdução. In. LUZ, Z. *Brasi cabôco e sertão em carne e osso*. Recife/PE: Litoral, 1999.
- www.teatrodecordel.com.br site de César Obeid, acessado dia 5 de abril de 2005.